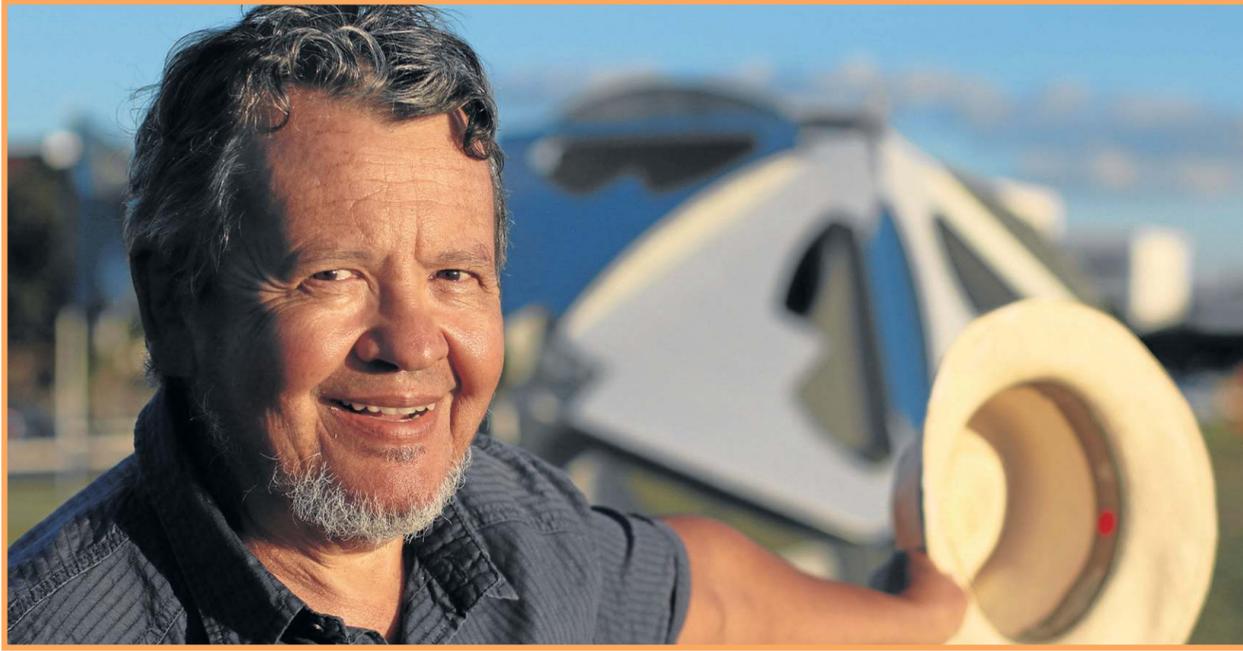


58º Festival de Brasília  
do Cinema Brasileiro» Entrevista | **DARLAN ROSA** | ARTISTA PLÁSTICOReferência das artes plásticas e pai do Zé Gotinha, ele é autor da estatueta do Prêmio Saruê, concedido pelo **Correio**. O artista fala sobre a trajetória e a relação com o audiovisual da cidade

Luis Nova/Esp. CB



# Conexão com o cinema

» SEVERINO FRANCISCO

O artista plástico brasileiro Darlan Rosa, o pai do Zé Gotinha, é o novo autor das estatuetas do Prêmio Saruê, concedido pelo Correio para o melhor momento do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Ele substituiu Francisco Galeno, que criou estatuetas originais em 16 edições do prêmio, colaboração interrompida com a morte do artista em junho de 2025. O troféu concebido por Darlan para essa edição é a escultura de uma bailarina estilizada. E, nesta entrevista, Darlan fala da relação com o cinema, a iniciação à arte, o programa para crianças na TV Brasília, o ofício de escultor e as aventuras do Zé Gotinha.

## Como é a sua relação com o cinema e com o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro?

Eu a minha mulher, Célia, temos muita afinidade com o festival, como todos os brasilienses. Evidentemente, nos últimos anos está difícil acompanhar no Cine Brasília porque tornou-se um evento muito concorrido. Tenho uma relação muito forte com o cinema. Desde os tempos em que trabalhei na TV Brasília, uma das coisas que mais gosto de fazer é a edição. Eu estou fazendo filmes o tempo todo. Cinema é montagem e edição.

## E como foi a passagem pela TV Brasília fazendo o programa Tio Darlan para crianças?

A TV Brasília tinha um programa para crianças feito por duas professoras da Escola Parque. A TV estava no início, era muito precária, a programação começava às 11h e terminava às 23h. As professoras saíram de férias e o programa saiu do ar. Eu falei para o diretor Jairo Valadares se podia fazer o programa. Eu contava histórias para as crianças. Depois, pedi que eles escrevessem para que eu contasse histórias sobre os personagens que criei: o Tio Darlan, o doutor Bernard, a barata Marivalda e o Sapo Anastácio. Eu era um repentista de história. O programa fez um sucesso estrondoso, de 1968 a 1971, durava a tarde inteira. As professoras nunca mais voltaram de férias. Eu pedia demissão para o Jairo Valadares, mas ele não aceitava.

## E como terminou o programa?

Eu viajei para casar e nunca mais apareci no programa. Eu não conseguia lidar com a popularidade, não

podia sair na rua que as pessoas me reconheciam. O programa tinha 90% da audiência.

## Como você se envolveu com a arte?

Quando eu nasci, em Coromandel, interior de Minas Gerais, meu pai tinha uma fábrica de ladrilhos. Com 3 ou 4 anos, eu brincava com os pigmentos. Quando mudamos para Patrocínio, meu pai tinha uma marmoaria, fazia túmulos, fachadas para igrejas. Aos 9 anos, eu assumi a parte da escultura, na qual escrevia: aqui jaz fulano. Aos 12, resolvi fazer um busto de mulher, mas parecia peito de homem porque eu ainda não tinha visto mulher pelada. Depois, fiquei mais sem-vergonha. Fazia as decorações, tudo em relevo, o mármore carrara era abundante. Aí, fui para Uberlândia, arrumei um emprego na marmoaria, fazia ornatos parecidos com xilogravura. Fiz isso até os 20 anos.

## De que maneira você foi marcado por Brasília?

Olha, vir de Uberlândia para Brasília foi uma experiência meio traumática para mim naquele tempo. Eu tinha 20 anos, trabalhava na tevê, era meio conhecido na cidade. Uberlândia, no domingo, era tomar café na avenida e ir à noite no trottoir. Brasília não tinha nada disso, a gente ficava muito isolado. Descobri que a gente só se encontrava na casa das pessoas.

## Mas e a experiência da arte em Brasília?

Tinha a inspiração de ser escultor. Naquela época, todo mundo dizia: "eu vivo de arte." Não tinha casa, não tinha carro, não tinha nada. Então, desenvolvi um lema: um dia, eu vou viver para a arte. Na época, a única universidade de arte era a UnB, onde estudei como aluno especial. Fiz jornalismo e relações públicas no Ceub. Fui procurar estágio no **Correio Braziliense**, conversei, consegui um convênio para o Ceub para conceder bolsas de estudo em troca de anúncio no jornal. Outro dia, alguém me disse: Darlan, mais de 100 pessoas se formaram em jornalismo no Ceub graças ao convênio que você conseguiu com o **Correio**.

## E você continuou a cultivar a escultura?

Eu morava em apartamento, então, era difícil fazer escultura em mármore. Nos anos 1990, fiz investida em escultura de cimento. Aí, a alergia veio de forma violenta com os pigmentos. Em 1993, eu me aposentei do trabalho como servidor público, e comecei a fazer escultura

no computador e passei a trabalhar no Unicef fazendo campanhas para países do Terceiro Mundo. Fui para a Califórnia com quatro filhos pré-adolescentes e fiz um curso de computação gráfica na universidade. O trabalho final era de esculturas sobre Brasília. Quando voltei ao Brasil, comecei a fazer esculturas de ferro.

## Quantas esculturas você tem em Brasília?

Tenho 60 esculturas espalhadas pela cidade, as mais importantes estão no Memorial JK, no CCBB, no Parque Casulo, no Museu do Senado e em vários prédios. E tenho também um painel de 15 metros na passagem da Câmara dos Deputados para o Anexo da Câmara.

## O Zé Gotinha foi um sucesso imediato?

Nada disso, a criação do Zé Gotinha é a história de uma longa batalha. Quando o Unicef me procurou queria uma marca para erradicar a poliomeélite até 1996. Quando fazia o programa *Tio Darlan*, na TV Brasília, eu tinha vários personagens educativos, para lavar as mãos, para dormir mais cedo, não comer comida gordurosa, escovar os dentes. Não sei se entendi errado, mas fiz um personagem. Mas o pessoal do Ministério da Saúde disse: só queremos uma marca. Mas o meu chefe no Unicef, Salvador Herecia, o cara que criou o projeto *Criança Esperança*, com a Rede Globo, tinha uma visão incrível de comunicação e me mandou para fazer trabalhos em todo o país. Aí, nas reuniões com o Ministério da Saúde, o pessoal dos estados disse que não queria a campanha das agências de publicidade, queria o Zé Gotinha. As agências de publicidade contratadas pelo governo federal alegavam que desenho animado era muito caro. Enquanto um filme convencional custava US\$ 15 mil, o desenho animado custava US\$ 30 mil. Aí, eu comecei a fazer animações do Zé Gotinha aqui em casa, com a ajuda dos meus filhos adolescentes. Fizemos mais de 30 filmes. Então, o Zé Gotinha foi um sucesso, mas não foi fácil, não foi de um dia para outro.

## E qual é o destino do Zé Gotinha?

Quando o presidente Lula saiu da prisão, uma das primeiras coisas que ele perguntou foi: "Cadê o Zé Gotinha?". Recentemente, o ministro Padilha me ligou e perguntou: "Podemos usar o Zé Gotinha como símbolo do SUS?". E eu respondia que claro que sim. Zé Gotinha virou símbolo do SUS.

## A generosidade de Galeno

O artista plástico Francisco Galeno criou esculturas originais para as estatuetas do Prêmio Saruê, concedido pela equipe do **Correio Braziliense** para o melhor momento do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro durante 16 edições do evento. Nunca repetiu a estatueta. Utilizou lamparinas, signos indígenas, a arquitetura de Brasília, a esculturas de Bruno Giorgi, girafas compradas em lojinhas do Parnaíba ou a forma de estilingues. "É uma obra de arte que me dá um prazer enorme de realizar", disse Galeno, em entrevista ao **Correio**. "Busco não me repetir, com temas relacionados à minha vivência no Piauí, no delta do Parnaíba. É uma escultura representativa de aspectos de Brasília, em que há o que seja atual e moderno, mas que revela uma proposta futurista e ao mesmo tempo arcaica".

A partir do próprio nome escolhido para batizar a obra, Galeno prestava homenagem a um dos mais importantes artistas da cidade, Vladimir Carvalho. E, ao mesmo tempo, estabelecia uma conexão com a infância de menino do Parnaíba. "Admiro muito a obra de Vladimir Carvalho, um dos criadores do documentário do Brasil e um dos mais importantes cineastas brasileiros", dizia Galeno, em entrevista ao **Correio**. "Os filmes dele me marcaram. E, depois, o saruê um bicho de minha memória. Aqui, no Delta, é conhecido pelo nome de mucura".

Galeno sempre ligou o cinema à consciência de artista plástico. O Cine Brasília foi um espaço fundamental na formação de sua sensibilidade. Ele fazia teatro no Sesc da 913 Sul, estudava artes plásticas no Centro de Criatividade da 508 Sul e assistia filmes em mostras gratuitas no Cine Brasília. "Estava ligado. Vi *Barravento*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *Terra em Transe* e *A idade da Terra*, de Glauber Rocha. Assisti também ao *Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla e *Os fuzis*, de Rui Guerra. Eu saía do teatro e passava no Cine Brasília. Para mim, aquela sala era um laboratório estético", contou.

Embora fosse artista plástico, Galeno nunca esteve conectado somente à pintura, mas também ao teatro, à música e ao cinema. Não tinha dinheiro para pagar o ingresso no Cine Atlântida e varria o chão para assistir aos filmes. "Não tive a chance de entrar em uma universidade, mas ganhei a oportunidade de ter acesso a todos os artistas importantes que os estudantes universitários estudavam. E o cinema me proporcionou um caminho muito relevante à cultura. A realidade virava um sonho. Eu era feliz e sabia", disse.

Por todas essas razões, Galeno ficava muito feliz em criar a estatueta do Prêmio Saruê. Ele pretendia fazer uma exposição com todos os troféus que inventou: "É uma homenagem que eu faço à cidade. Tenho a certeza de que todos os anos a equipe do **Correio** escolhe o melhor momento do festival com acerto. Eu me sinto honrado de fazer esse prêmio".

Valerio Ayres/CB/D.A Press



Um dos troféus Saruê, criado por Galeno para o Correio

## CRÍTICA // Aqui não entra luz ★ ★ ★ ★

Emabúba Filmes/ Divulgação



## Gigantes que habitam quatinhos dos fundos

» RICARDO DAEHN

Empatia e identificação com as personagens do documentário de estreia de Karol Maia trazem o sabor à Eduardo Coutinho de fazer cinema. Com percurso semelhante ao do longa de Gabriel Mascaro, *Doméstica* (premiado pelo **Correio**, com o Saruê, no Festival de 2013), *Aqui não entra luz* trata da exclusão, dos afetos encubulados (ou inexistentes), numa olhada pela fresta da porta de serviço de lares brasileiros. E, por sorte de avanços sociais, e de conquistas.

Por vezes desprezadas por "sinhas perversas" e afins, que interdita as nuances humanas das "criadas" autômatas Rosarinha, Cris, Mãe Flor, Marcelina e Miriam (mãe da realizadora) trazem relatos profundos de contrastes entre casas grandes e senzalas contemporâneas. Discursos criminosos que traçam a dureza de falas preconceituosas detidas em termos como "preta, feia, fedorenta", estão inseridos no filme da diretora que, na infância, testemunhou à distância ("Eu existia, sem que nunca me percebessem") parte do dia a dia da lida da mãe Miriam (presente no filme, e

com quem, por tempos, partilhou conflitos em silêncio).

Vivências desesperançosas, a princípio, em que brotam relatos de trabalho em "troca" de comida, carteira jamais assinada e proibição no direito a distrações junto a rádio e de televisão, no filme (com a montagem de Cesar Ganarian e Fer Krajuska), se tornam menos dolorosas, dada a impressionante precisão na pesquisa de escolha das personagens. Condições impensáveis e rudimentares relatadas encampam agressões físicas, seqüestros e obrigação com o dízimo que corrói salários, em si, já débeis. "Você é 'como' minha filha" é uma das frases a ficarem na memória do espectador.

Sonhos deixados no acostamento das estradas destas profissionais do lar vêm sufocados por assédios e abusos. Entretanto, brotam frases como "Gargalhar é sinônimo de vida" e "Deu, deu. Não deu?, desce!" — elementos que rimam com uma visão de Gonzaguinha: o "segue em frente e segura o rojão". Determinação, dignidade, pequenos caprichos e consciência irrompem dos exíguos "quatinhos de empregada". Prover e testemunhar "as vitórias" dos filhos (de muitas) suplanta "cuidados e zelos" nem sempre correspondidos com reconhecimento e valorização.